I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
I SEMINÁRIO PIBID/FACCAT

Mari Margarete dos Santos Forster

Desafios na formação de Professores na atualidade

O Sistema Educacional sempre situou a formação do profissional da educação, ou seja, a profissionalização docente, no contexto de um discurso ambivalente, paradoxal ou simplesmente contraditório, de um lado, a retórica histórica da importância dessa formação, de outro, a realidade da miséria social e acadêmica que lhes concedeu (IBERNÓN, 2002).

Introdução...

Chegamos ao século XXI com poucas certezas, muitos problemas e desafios; “perplexos”, como nos diz Sousa Santos (1995), frente a inúmeros dilemas. O autor mostra também que vivemos tempos de perguntas fortes e de respostas fracas. O momento que passa nosso país, com seus embates políticos, econômicos, sociais, éticos é emblemático para ilustrar isso. A educação, as instituições educativas, os processos formativos são impactados por isso. Essas incertezas que vivemos, por um lado, geram desconforto, medos, imobilismos, porque estávamos seguros com as certezas, com as respostas únicas. Por outro lado, as incertezas podem nos desacomodar e servir de desafio à imaginação, à criatividade e ao pensamento. Nóvoa nos alerta: “ **a certeza de conhecer e de possuir a solução é o caminho mais curto para a ignorância**”. O que está posto não necessariamente é o melhor. “**O que é evidente, mente. Evidentemente. (NÓVOA, 2007)!**”

Sou formadora de professores, de diferentes níveis de ensino, por praticamente toda a minha vida profissional e tenho me deparado com ‘novas’ questões, que têm me desafiado a pensar muito sobre o que de fato ainda precisamos fazer na direção de tornar essa formação melhor. Afinal: o que ainda permanece? O que muda? Pensar, ao mesmo tempo, no velho e no novo? Afinal, quais os conteúdos da formação? Quem tem o que dizer sobre isso? Qual/quais o (s) lócus privilegiado (s) de sua ocorrência? Qual o papel da Universidade/ da Escola nessa formação? Sobre que formação falamos? Para quem? Para que? Em que momento histórico?

Entendendo a formação

Entendo a formação como uma prática social e como uma verdadeira ‘instituição’ que cumpre, assim como a escola e a universidade, certas funções sociais que reproduzem, regulam, e legitimam o próprio sistema social, mas, ao mesmo tempo, podem emancipar, libertar os sujeitos que dela participam. Nossas instituições vivem processos formativos, por vezes, contraditórios, ligados quer ao mundo empresarial e gerencialista, quer ao mundo cívico e da cidadania. Penso, entretanto, que os projetos político-pedagógicos das escolas e os seus processos formativos precisam ter cara, ter identidade, anunciar escolhas, precisam mostrar a que vêm. Temos urgências nas nossas escolhas!

Recorro aqui à Freire, morto em 1997, mas que vive em todo educador, e a uma de suas indagações mais recorrente: o verbo “**esperançar**”, que difere de esperar. Não se pode confundir esperança de o verbo esperançar com esperança do verbo esperar. Aliás, uma das coisas mais perniciosas que temos nesse momento é o arrefecimento da esperança; em várias situações as pessoas acham que não tem mais jeito, que não tem alternativa, que a vida é assim mesmo... Violência? O que posso fazer? Espero que termine... Desemprego? O que posso fazer? Espero que resolvam... Fome? O que posso fazer? Espero que impeçam... Corrupção? O que posso fazer? Espero que liquidem... Isso não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. E, se há algo que Paulo Freire fez o tempo todo, foi incendiar a nossa urgência de esperanças.

Defendendo algumas utopias sobre formação...

Reconheço que é quase um dogma afirmar que os “recursos humanos” são um dos fatores essenciais de ‘sucesso’ de qualquer instituição. Este discurso é recorrente desde a década de 70 e, mais claramente, na década de 80, onde a “capacitação” era, e ainda é vista por muitos, como investimento. Logo, há pressões de todas as ordens para que a formação aconteça, sem que ao nível das práticas sejam feitas alterações mais profundas. Nóvoa nos mostra que temos excesso de discursos sobre como deve ser a formação e pouco compreendemos sobre ela.

Penso que isso tem ocorrido, numa análise que mereceria outros desdobramentos, especialmente porque a formação tem sido vista como algo instrumental e exterior à escola e ao professor, numa “lógica carencialista e aditiva” (CORREIA, 1998). Supõe-se que os docentes têm carências de certas competências que precisam ser preenchidas por outros. Os

professores por sua vez, não resistindo à pressão, se reconhecendo “depossuídos de saberes”, recorrem a cursos e mais cursos, como se isso fosse formação. Além disso, a formação não tem ultrapassado a superação entre formação e trabalho, uma vez que faz da formação o tempo e o espaço do ensino e da aprendizagem, por um lado, e do trabalho o tempo e o espaço da sua aplicação, por outro (CORREIA, 1998).

Essa visão de formação se formula frequentemente, como se vê, em termos de *não formação* e de necessidades estabelecidas fora dos sujeitos, mesmo aparentemente ouvindo-os, pois, os mesmos, na “condição de despossessão” são solicitados, pelo formador, a exprimi-las, pois, se não o fizerem, serão culpabilizados pelo insucesso da formação e, posteriormente, pelas mazelas da educação. Enfim, nada simples encarar essa dura realidade. Precisamos sempre estar muito atentos enquanto formadores para, compreendendo essas armadilhas, caminhar em outras direções. Penso que temos que recusar o que não queremos. Isto NÃO SIGNIFICA. Esquecer, negar nem omitir. Recusar é conhecer, estudar, investigar, compreender. É tentar imaginar outros destinos. “Imaginar, primeiro, é ver. Imaginar é conhecer, portanto, agir” (ALEXANDER O’NEILL, 1981).

Tenho clareza que a Universidade e a Escola, e mesmo alguns Estados e Municípios, têm ensaiado experiências na direção de uma formação docente mais qualificada, que procura fugir destas encruzilhadas, com práticas mais emancipatórias. Isto não tem sido nada simples, pois implica em nos despirmos de muitos preconceitos, que mais dificultam do que facilitam essas relações. Tradicionalmente a Universidade assume o lugar privilegiado de produtora de saber e olha com desconfiança para a Escola; esta, por sua vez, também suspeita que o que se produz na Universidade não faz sentido para o cotidiano escolar. Muitas destas certezas têm funcionado como inimigas das possíveis aprendizagens a serem feitas, quando vividas essas novas tentativas, que, obviamente não ocorrem sem tensionamentos.

O grupo de pesquisa, que coordeno, vem experimentando a experiência de trabalhar junto com a escola, junto com os professores, junto com as equipes diretivas, através de vários projetos investigativos, por acreditar fundamentalmente que esse diálogo precisa ser intensificado. Temos tido como objeto de estudo a formação inicial e continuada de professores, a qual dialoga com os saberes produzidos na própria prática do ofício destes profissionais. Diante disso, a intencionalidade fundante do grupo tem sido discutir e qualificar a relação universidade/escola intensificando a colaboração e aprendizagens mútuas, introduzindo dispositivos de formação, de ação e de pesquisa, regidos, não somente por uma lógica universitária, mas por uma lógica que se aproxime da prática profissional cotidiana. Neste sentido, Zeichner (1998) afirma que a produção de conhecimentos para um ensino de melhor

qualidade e para todos não se dá apenas na universidade, mas tem grande contribuição daqueles que constroem a experiência escolar cotidiana.

Descobertas, aprendizagens/esperanças/utopias...

Tenho procurado, com meu grupo de pesquisa, defender a formação que faça sentido para quem a vive, independentemente dos lócus que a vive, embora não o desconsidere. Refiro-me a experiência de cada um e de todos, vivida como experiência de efetiva formação, de efetivo desenvolvimento pessoal e profissional. Concordamos com Larrosa Bondia (2002), quando diz que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (2002, p. 21).

O autor nos mostra o quanto temos dedicado pouco espaço para a reflexão e para dar sentido ao que vivemos, porque temos sido atordoados por excesso de informações, de opiniões. Logo, defendemos a formação como um projeto não virado para o passado, embora não o ignore, mas um projeto que transporta consigo alguma coisa de diferente daquilo que é o presente e, portanto, vislumbra utopicamente o futuro. Sem dúvida, aqui estou defendendo uma boa “formação geral”, tão desprestigiada, mas que os estudos têm mostrado, ainda poderia contribuir para uma melhor inserção num mundo de trabalho instável, mutante e complexo. Conhecer ampla e profundamente o mundo, a natureza e a sociedade e as mulheres e os homens que aí vivem, nossos colegas, nossos alunos, é uma boa alternativa, juntamente com o desenvolvimento de uma flexibilidade intelectual, de sensibilidade e abertura para o novo, de criatividade frente a situações desafiadoras, de atitude crítica e construtiva face aos impasses que o mundo coloca.

Acreditamos, fundamentalmente, que ambas as instituições, Universidade e Escola, têm o que dizer, com suas especificidades, mas defendemos a busca de parcerias, de formas conjuntas de melhoria da qualidade da formação docente e o progressivo caminho da formação individual para a formação coletiva. Precisamos romper com formas individualistas e isolacionistas. Portanto, o processo de formação continuada de professores, para além de ser resultado do compromisso de cada professor com seu próprio desenvolvimento pessoal e

profissional, passa pelo reconhecimento de que “a escola pode e deve ser tomada como eixo de sua formação. As instituições escolares não formam apenas os alunos, mas também os profissionais que nela atuam” (BARROSO, 1996).

Hoje, mais do que nunca, precisamos alargar nossas fronteiras, convocar novos parceiros para essa caminhada que se, solitária, impossível e pesada. Quem sabe não seria salutar nos aproximarmos dos inconformados, dos curiosos, dos ousados, dos que tem a coragem de assumir dúvidas em vez de certezas e a capacidade de juntar pessoas para tentar criar alternativas para situações quase inacreditáveis nas quais vivemos. Precisamos resgatar os sujeitos da educação, empoderando-os, mas não mais podemos defender a escola como um espaço privado, apartado do social, tudo isto porque a perspectiva histórica nos mostra a mutabilidade das diferentes funções exercidas na escola. A cada novo momento muda o que os diferentes sujeitos implicados na escola podem e devem fazer; como não mudar a dinâmica escolar? Como não mudar a formação? Hoje chegam à escola muito mais alunos (lado positivo e gerador de mais uma causa das crises enfrentadas); alunos estes que a escola ignora ou não sabe atender. Como continuar a falar em preparação para o trabalho numa sociedade em que a própria ideia de emprego vem sendo questionada? Como lidar com a violência crescente nas escolas quando alguns ainda vivem a nostalgia dos anos dourados? Como enfrentar o problema das drogas nas escolas, quando a sociedade não oferece esperança para os jovens, deixando-os sem utopias que os convidem a lutar por um mundo melhor? Como lutar contra os que afirmam o fim da escola? Ou contra as Polianas que acreditam ser a educação a garantia para nossa entrada triunfal no Primeiro Mundo? Como aprender a esperar, tecendo e destecendo fios o tempo todo?

Finalmente, precisamos pensar a formação como um problema político e ético, comprometida com debates de justiça e igualdade que atravessam a sociedade, emergindo quer como uma arena de lógicas diversas, quer como espaço de problematização, de análise crítica da realidade e de sua desmistificação. É óbvio, e fundamental, que a formação precisa potenciar o próprio trabalho, contribuindo para a redescoberta de alternativas democráticas e emancipadoras. **Precisamos mobilizarmo-nos para isto, organizar melhor nossa profissão, lutar por espaços de diálogo e reflexão coletivos, combater coletivamente o desperdício de boas experiências, publicá-las, lutar pela colegialidade docente; isso nos fortaleceria, daria melhor credibilidade a nossa profissão.**

Ao terminar, sem ter pretendido trazer respostas fortes às questões levantadas, mas pontos de vista (ou melhor, vistas sobre um ponto), deixo-lhes um Bom Conselho (Chico Buarque).

BOM CONSELHO
Chico Buarque de Holanda

Ouçã um bom conselho
Eu lhe dou de graça
Inútil dormir
Que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado
Quem espera
nunca alcança
Venha meu amigo
Deixe este regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Aja duas vezes
Antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que
não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
vou prá rua e
bebo tempestade

Este convite/conselho sempre me acende a esperança de continuar lutando pela formação docente que acredito. Espero que possa servir de alento para outros educadores que comigo alimentam a possibilidade de um mundo melhor.

Referências

BARROSO, João (Org.). *O estudo da Escola*. Porto: Porto, 1996.

CORREIA, José Alberto; Matos, Manuel. *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores* [Privacy and solidarities in teachers' quotidian]. Porto: Edições ASA, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência in *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

NÓVOA, António. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. Palestra proferida em janeiro de 2007, SINPRO/SP. Publicada em <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>.

O'NEILL, Alexandre. Ao rosto vulgar dos dias. In: *Poesias Completas, 1981*.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, FIORENTINI & PEREIRA. *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998. p. 207-236